

Eduardo Becker



“Terrível, obstinado, focado e lutador”; além de fanático por dálmatas, lighting designer gaúcho mira o mercado nacional.

Entrevista concedida a Rodrigo Casarin

Qual a sua formação e como entrou no mercado de iluminação?

Sou arquiteto, membro do Conselho Municipal de Ciência & Tecnologia (Comcet) e diretor de eventos do Dálmata Clube de São Paulo. Trabalhei no escritório do Carlos Fayet, ex-presidente da IAB no Brasil, e para o arquiteto Rinaldo Barbosa. Em seguida, comecei a trabalhar para a Cristina Maluf. Em poucos meses já estava contaminado pela iluminação. Isso aconteceu entre 1998 e 1999.

Quando e por que você decidiu pela criação de um escritório próprio?

Quando comecei com a Cristina, ela estava no 37º projeto – e saí de lá no 203º. Achei que teríamos uma longa parceria, mas nos desentendemos em algumas questões e vi que estava na hora de ter meu caminho. Criei com a Eloise de Paula, o Becker & De Paula. Mas não teve jeito. Para dar prosseguimento a tudo que penso – e que quero desenvolver e atingir – fundei, em junho de 2008, a Eduardo Becker – Atelier de Iluminação.

Há algo comum entre seus projetos?

Na faculdade, os professores sabiam quais eram meus projetos pelos cães desenhados. Procuo fazer algo exclusivo para o cliente. Busco dar personalidade ao projeto, por isto estou sempre pesquisando e desenvolvendo peças novas, que acho que faltam no mercado, o que é diferente de fazer uma peça só artística. Na maioria das vezes penso primeiro na fotometria.

Os LEDs já vêm sendo bem aceitos?

Sim. Uso LEDs desde o tempo da Cristina, quando isto era um esforço heróico. Hoje é uma necessidade. No ano que vem entregarei um prédio conceito da Smart

(Simples Moderno Arte), todo iluminado com LEDs. Muitas residências já fazem uso desta tecnologia, como a da capa da edição 42 [da Lume Arquitetura], que tem 80% do jardim iluminado por LEDs.

A que se deve o seu sucesso no mercado gaúcho de iluminação? Como é a concorrência na região?

“Tchê”! O sucesso vem com muito trabalho, dedicação e disciplina. Nesse aspecto sou absurdamente germânico. Sobre a concorrência, estou focado no mercado nacional. Provavelmente, quem já foi a algum shopping no Brasil viu meu trabalho, seja um projeto de iluminação ou alguma peça que desenhei.

Sou terrível, obstinado, focado e lutador. Sento na frente do cliente com a maior calma e só saio dali com o contrato. É importante conhecer os pontos fracos e fortes da concorrência e traçar estratégia; orgulho-me de dizer que não tenho ex-cliente.

Você participa de alguma associação?

Sou membro da IALD – International Association of Lighting Designers. Acho que a associação nacional deveria ser sacudida e começar tudo novamente. A IALD me procurou para que eu mudasse o nível de sócio. No Brasil, não me mandam e-mail nem para avisar sobre palestra, seminário, churrasco... Não sei se fazem algo além de cobrar mensalidade ou anuidade. Que eu saiba, não existe um evento próprio da associação nacional.

Qual a sua opinião sobre as premiações que existem para lighting designers no Brasil?

Acho válido; muita gente boa participa, mas eu não. Penso que para um concurso desses, os projetos devam ter apenas um número de identificação e as fotos não podem ser tratadas, como é na IALD para se tornar sócio. Não podemos esquecer que a premiação é feita por uma associação de indústrias, e eles defendem o seu pão.

É importante que os novos lighting designers entendam que as premiações servem de amostra, mas que devem ir “pro pau”, competir pelo mercado. Temos reformas em muitos aeroportos. Tem que bater na porta da Infraero e ofertar um trabalho consistente. E temos muita gente boa. Gosto muito do trabalho das gurias da Acenda – preciso mantê-las longe do Rio Grande do Sul. (Risos)

Você, de alguma forma, relaciona a sua paixão por cães com sua carreira na iluminação?

Totalmente! Em épocas longínquas, de dificuldade, os cães sempre estiveram ali, como uma válvula de escape. Hoje, meus dálmatas são premiados nos Estados Unidos, Argentina, Uruguai e Brasil. ◀